

29º Domingo do Tempo Comum: O imposto a César

Evangelho do 29º Domingo do
Tempo Comum (Ano A) e
Comentário ao Evangelho.

Evangelho (Mt 22, 15-21)

Os fariseus fizeram um plano para apanhar Jesus em alguma palavra. Então mandaram os seus discípulos, junto com alguns do partido de Herodes, para dizerem a Jesus: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e que, de fato, ensinas o caminho de Deus. Não te deixas influenciar pela opinião dos outros, pois não julgas um homem pelas aparências. Dize-

nos, pois, o que pensas: É lícito ou não pagar imposto a César?”

Jesus percebeu a maldade deles e disse: “Hipócritas! Por que me preparamis uma armadilha? Mostrai-me a moeda do imposto!”

Trouxeram-lhe então a moeda. E Jesus disse: “De quem é a figura e a inscrição desta moeda?”

Eles responderam: “De César.”

Jesus então lhes disse: “Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”.

Comentário

Jesus resolve magistralmente a armadilha que os seus inimigos armaram sobre o tributo a César com a famosa frase: “Dai, pois, a César o

que é de César, e a Deus o que é de Deus” (v. 21). Com este *logion* ou sentença, o Senhor não só frustrou o ardil apresentado a Ele, mas também lançou as bases para uma correta distinção entre o poder temporal e o espiritual e para a atuação cristã coerente no meio do mundo.

Na época de Jesus, a Judeia vivia uma situação política e religiosa dramática. Por um lado, toda a região estava dominada pelo o Império Romano; como província problemática, a Judeia exigia uma presença militar permanente a cargo de um procurador, que era responsável por garantir a submissão do povo e cobrar impostos através de coletores locais: os publicanos. Por outro lado, os herodianos preferiam a mediação de um príncipe local que cobraria os impostos e daria parte do dinheiro a Roma. As autoridades religiosas, por sua vez, tinham que velar pelo

sustento do templo em Jerusalém, do culto e das instituições.

Nesta convergência de interesses, o chamado imposto a César era, portanto, uma questão de controvérsia garantida: o que seria o certo para um judeu piedoso naquela difícil situação? O denário era o salário de um dia de trabalho (cf. Mateus 20,2) e dois denários foi o que o Bom Samaritano deixou na parábola de Lucas para as despesas da pousada (Lucas 10,35). Um denário era equivalente a dez ases, daí o nome. Não era uma soma muito alta, mas também não era desprezível; e, acima de tudo, era destinada aos interesses dos romanos. O dilema parecia, portanto, insuperável: se Jesus encorajasse o pagamento do imposto, seria visto pela opinião pública como amigo dos gentios e o seu prestígio entre o povo poderia cair. Se, por outro lado, animasse o povo a não pagar o

imposto, poderiam acusá-lo de instigar o povo contra Roma.

Com excelente sabedoria, Jesus convida-nos a olhar para a moeda usada para pagar e verificar a presença da efígie de César cunhada nela. Santo Hilário parafraseava a resposta de Jesus assim: “A moeda de César é feita de ouro, em que está gravada a sua imagem; a moeda de Deus é o homem, em quem está gravada a imagem de Deus; portanto, dai vossas riquezas a César e guardai a consciência da vossa inocência para Deus”^[1].

O Papa Francisco retoma esta ideia ao dizer: “A referência à imagem de César, gravada na moeda, diz que é justo sentir-se a pleno título – com direitos e deveres – cidadãos do Estado; mas simbolicamente faz pensar na outra imagem que está gravada em cada homem: a imagem de Deus. Ele é o Senhor de tudo, e

nós, que fomos criados ‘à sua imagem’, pertencemos sobretudo a Ele”^[2].

A resposta de Jesus à pergunta tem sido um recurso frequente para desenvolver a doutrina social da Igreja, que defende tanto a esfera civil, com os seus direitos e deveres, quanto a esfera eclesiástica, com os seus próprios direitos e deveres.

Trata-se de dar a César, a autoridade legítima, o que lhe compete na justiça e, ao mesmo tempo, defender os direitos da Igreja, sem usá-la para o próprio benefício ou misturá-la com fins meramente temporais.

Sobre esta cena e falando a cristãos que têm que se santificar no meio do mundo, São Josemaria recomendava viver a *unidade de vida*, ou seja, combinar os deveres cívicos com os deveres religiosos sem invadir nem negar a esfera de nenhum deles. Ele dizia: “Bem vedes que o dilema é

antigo, como clara e inequívoca é a resposta do Mestre. Não há – não pode haver – uma contraposição entre o serviço a Deus e o serviço aos homens; entre o exercício dos deveres e direitos cívicos, e os religiosos; entre o empenho por construir e melhorar a cidade temporal e a convicção de que este mundo por onde passamos é caminho que nos conduz à pátria celeste (...). A opção exclusiva que um cristão faz por Deus, quando aceita com plenitude a sua chamada, impele-o a dirigir tudo para o Senhor e, ao mesmo tempo, a dar também ao próximo tudo o que em justiça lhe cabe”^[3].

^[1] Santo Hilário, *in Matthaeum*, 23.

^[2] Papa Francisco, *Angelus*, 22 de outubro de 2017.

^[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 165.

Pablo Edo // Foto: Pocky Lee - Unsplash

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/gospel/evangelho-29-domingo-comum-ano-a/> (22/02/2026)